

O PODER PASTORAL EM FOUCAULT E A TRANSFERÊNCIA DE FREUD NA PSICANÁLISE: REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO

THE PASTORAL POWER IN FOUCAULT AND FREUD'S TRANSFERENCE IN PSYCHOANALYSIS: REFLECTIONS FOR EDUCATION

Catarina Quintela Soares

Psicóloga Clínica (CRP 11/19535). Mestranda em Psicologia (Universidade de Fortaleza - 2024). Membro do Laboratório de Estudos Sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade

(LAEPCUS) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Psicóloga voluntária no Projeto de Pesquisa Violência de gênero contra a mulher: uma proposta de escuta e intervenção com as mulheres e com os filhos, do LAEPCUS. Pós-Graduada em Psicanálise e suas extensões (Universidade de Fortaleza - 2024). Pós-Graduada em Arte e Educação (Universidade Estadual do Ceará - 2003). Pós-Graduada em Gestão de Produtos e Serviços Culturais (Universidade Estadual do Ceará - 2002). Pós-Graduada em Gestão Escolar Integrada e Práticas Pedagógicas (Faculdade Única de Ipatinga - 2023). Graduada em Psicologia (Universidade de Fortaleza - 2022). Graduada em Pedagogia (Universidade de Fortaleza - 1998). Graduada em Ciências Sociais (Universidade de Fortaleza - 1982).

Lattes- CV: <http://lattes.cnpq.br/1435055827605968>

E-mail para contato: catarinaquintelapsi@gmail.com

Leonardo José Barreira Danziato

Professor Doutor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza, coordenador do Laboratório de Estudos em Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS); Editor da Revista Subjetividades do PPG Psicologia da Unifor; Doutor e Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará; Membro do Grupo de Trabalho da ANPPEP Psicanálise, cultura e política.

Psicanalista, Analista-Membro da Litoral - Escola de Psicanálise. Psicanalista com uma prática clínica desde 1987. Autor de livros e artigos diversos. Desenvolve estudos e pesquisas que investigam os processos culturais, discursivos, políticos e subjetivantes no mundo contemporâneo realizando uma leitura e uma utilização crítica e política dos conceitos psicanalíticos e foucaultianos. Tem coordenado e acompanhado trabalhos de pesquisa sobre violência de gênero, estudos de gênero e psicanálise, as sexualidades, o corpo e a política, entre outras. No âmbito institucional, tem investigado as manifestações da adolescência, especialmente as práticas das autolesões no contexto educacional. Em uma perspectiva mais clínica, encaminha suas investigações e orientações para as condições estruturais do sujeito tal como se apresenta no espaço da prática psicanalítica: a constituição do sujeito, as estruturas clínicas, as psicopatologias, assim como a teoria da clínica, suas condições, seus tempos e seus fundamentos.

RESUMO

Este artigo analisa a articulação entre o conceito de poder pastoral, desenvolvido por Michel Foucault, e o fenômeno da transferência, central na teoria psicanalítica de Sigmund Freud, destacando suas implicações para a prática docente. O objetivo é compreender de que forma essas duas dimensões, poder e afeto, se cruzam na relação professor-aluno, moldando tanto os processos pedagógicos quanto a formação subjetiva dos estudantes. Partindo da constatação de que a escola moderna não se limita à transmissão de conteúdos, mas constitui-se como espaço de produção de subjetividades e de regimes de verdade, discute-se como o professor ocupa o

lugar simultâneo de guia moral, intelectual e emocional, atravessado pelas projeções transferenciais dos alunos. A metodologia adotada foi qualitativa e de caráter teórico, baseada em revisão bibliográfica. O recorte privilegiou estudos que analisam como as práticas escolares produzem subjetividades e como a transferência se manifesta nas relações educativas. Os resultados indicam que o poder pastoral se manifesta na prática docente por meio de um acompanhamento contínuo dos alunos, não restrito ao domínio acadêmico, mas estendido à formação ética e emocional. O professor assume, nesse contexto, a função de pastor, que guia e orienta os "fiéis" de forma individualizada e constante, moldando identidades e comportamentos. Esse processo é intensificado pela transferência, que leva os alunos a projetarem no professor sentimentos de amor, respeito, temor ou hostilidade, originados em vínculos afetivos anteriores. Essa projeção, embora muitas vezes favoreça a aprendizagem ao fortalecer o vínculo pedagógico, também pode gerar resistências e sobrecarga emocional para o docente, que precisa equilibrar expectativas institucionais e demandas afetivas para as quais nem sempre possui formação adequada. A discussão demonstra que a interseção entre poder pastoral e transferência cria um campo complexo de forças no ambiente escolar. Por um lado, permite uma aproximação entre professor e aluno, criando condições favoráveis ao aprendizado; por outro, pode perpetuar relações de dependência e submissão, comprometendo a autonomia discente. Conclui-se que a compreensão dessas dinâmicas é fundamental para a construção de uma prática pedagógica crítica e ética. Reconhecer que a educação é atravessada por poder e afeto não significa rejeitar tais dimensões, mas transformá-las em instrumentos de emancipação. Cabe ao professor assumir conscientemente o lugar simbólico que ocupa, reconhecendo a inevitabilidade da transferência e do poder pastoral, mas buscando manejá-los de modo a favorecer a autonomia, a criticidade e a formação de sujeitos capazes de questionar estruturas de dominação. Ao abrir espaço para uma pedagogia que valorize a escuta, o diálogo e a subjetividade, torna-se possível transformar a docência em prática de liberdade.

Palavras-chave: Poder pastoral. Transferência. Educação. Psicanálise. Subjetividade.

ABSTRACT

This article analyzes the connection between the concept of pastoral power, developed by Michel Foucault, and the phenomenon of transference, central to Sigmund Freud's psychoanalytic theory, highlighting its implications for teaching practice. The objective is to understand how these two dimensions—power and affect—intersect in the teacher-student relationship, shaping both pedagogical processes and the subjective development of students. Based on the observation that the modern school is not limited to the transmission of content, but constitutes a space for the production of subjectivities and regimes of truth, the article discusses how the teacher simultaneously occupies the role of moral, intellectual, and emotional guide, influenced by the students' transference projections. The methodology adopted was qualitative and theoretical, based on a literature review. The focus focused on studies that analyze how school practices produce subjectivities and how transference manifests in educational relationships. The results indicate that pastoral power manifests itself in teaching practice through continuous monitoring of students, not restricted to the academic domain, but extended to ethical and emotional development. In this context, the teacher assumes the role of a pastor, guiding and directing the "faithful" in an individualized and constant manner, shaping their identities and behaviors. This process is intensified by transference, which leads students to project onto the teacher feelings of love, respect, fear, or hostility, originating from previous emotional bonds. This projection, while often fostering learning by strengthening the pedagogical bond, can also generate resistance and emotional overload for the teacher, who must balance institutional expectations and emotional demands for which they do not always

have adequate training. The discussion demonstrates that the intersection between pastoral power and transference creates a complex force field in the school environment. On the one hand, it allows for a closer relationship between teacher and student, creating conditions conducive to learning; on the other, it can perpetuate relationships of dependence and submission, compromising student autonomy. The conclusion is that understanding these dynamics is fundamental to building a critical and ethical pedagogical practice. Recognizing that education is permeated by power and affection does not mean rejecting these dimensions, but rather transforming them into instruments of emancipation. It is up to the teacher to consciously assume the symbolic role they occupy, recognizing the inevitability of transfer and pastoral power, but seeking to manage them in a way that fosters autonomy, critical thinking, and the development of individuals capable of questioning structures of domination. By creating space for a pedagogy that values listening, dialogue, and subjectivity, it becomes possible to transform teaching into a practice of freedom.

Keywords: Pastoral power. Transference. Education. Psychoanalysis. Subjectivity.

1. INTRODUÇÃO

A educação, em sua dimensão histórica, nunca foi um espaço neutro. Mais do que transmissão de conteúdos, a escola moderna constitui-se como um dispositivo de poder, de vigilância e de produção de subjetividades (Foucault, 1987). É nesse contexto que Michel Foucault introduz o conceito de poder pastoral, uma forma de poder originada na tradição cristã e reelaborada para compreender os modos de condução e governo das populações. O pastorado, antes exercido pela Igreja, passa a ser apropriado pelo Estado moderno, pelas instituições e, sobretudo, pela escola (Foucault, 2008).

A psicanálise, desde sua fundação, destacou a transferência como um fenômeno central no vínculo entre analista e paciente. Mais do que uma simples repetição de experiências passadas, a transferência constitui-se como a atualização, no presente, de desejos, afetos e expectativas inconscientes dirigidos originalmente a figuras parentais e no caso da escola dirigidos ao professor (Freud, 1912/2010; 1914/1969).

Assim como o poder pastoral descrito por Foucault, a transferência não se restringe a relações individuais, mas ajuda a compreender como vínculos de autoridade e afeto se estabelecem em contextos sociais mais amplos, incluindo a educação.

Michel Foucault, ao longo de sua vasta obra, buscou compreender os modos históricos pelos quais o poder se exerce sobre os indivíduos e as populações. Entre as formas que analisou, destaca-se o conceito de poder pastoral, inspirado nas práticas de cuidado, vigilância e direção espiritual desenvolvidas pela Igreja cristã desde a Antiguidade. Tal poder diferencia-se de outras formas mais explícitas de coerção porque se caracteriza por uma condução contínua e individualizada, que acompanha o sujeito em todas as dimensões da vida, cuidando de seu

corpo, de sua moralidade e de sua alma (Foucault, 2008). Trata-se, portanto, de um poder que não se limita ao uso da força física ou de mecanismos repressivos, mas que opera por meio de uma rede de orientações, prescrições e formas de condução que visam não apenas controlar, mas também produzir sujeitos (Caciano; Silva, 2012).

Quando Foucault transporta essa análise para o campo da modernidade, evidencia como o pastorado, outrora restrito ao âmbito religioso, é progressivamente secularizado e apropriado por instituições civis, entre elas a escola. Na prática docente, o poder pastoral manifesta-se quando o professor assume não apenas a função de transmissor de conteúdos, mas também a de guia ético, intelectual e emocional dos alunos. A docência, nesse sentido, ultrapassa os limites do ensino formal, passando a incluir uma dimensão de cuidado e de direção de consciência, em que o professor é convocado a formar valores, moldar condutas e regular afetos.

Como observa Foucault (1987), a escola é um dos principais dispositivos disciplinares da modernidade, funcionando como espaço de vigilância e normalização, onde os sujeitos são produzidos como corpos dóceis, úteis e obedientes às demandas sociais. Essa dimensão é retomada por Scheinvar, Medeiros e Coutinho (2016), que identificam na lógica escolar práticas pedagógicas de controle que não apenas transmitem saber, mas também constituem subjetividades.

Paralelamente à análise foucaultiana, a psicanálise contribui para a compreensão do vínculo educativo por meio do conceito de transferência, introduzido por Freud como um dos pilares de sua teoria. A transferência é definida como o deslocamento de sentimentos, desejos e expectativas inconscientes originalmente direcionados a figuras parentais ou outras pessoas significativas do passado, e que passam a ser projetados sobre o analista (Freud, 2010/1912). Esse fenômeno, longe de ser apenas um obstáculo, é fundamental ao processo terapêutico, pois torna visíveis os padrões de relação e de desejo do sujeito. Monteiro (1999) reforça que a transferência, ao mesmo tempo em que pode dificultar, também pode impulsionar o processo de elaboração, sendo, portanto, uma força ambígua e estruturante.

Quando transportada para o campo da educação, a transferência permite compreender como os alunos não apenas aprendem conteúdos, mas também se relacionam afetivamente com os professores. O professor torna-se, muitas vezes, depositário de sentimentos ambivalentes de amor, respeito, hostilidade ou temor, que não se explicam apenas pela relação presente, mas reenviam a experiências anteriores com figuras de autoridade (Ribeiro, 2014; Kupfer, 2005). Esse investimento transferencial pode favorecer a aprendizagem, quando há confiança e

identificação, ou, ao contrário, criar resistências e bloqueios diante do conhecimento, quando marcado por hostilidade ou desconfiança.

Assim, ao aproximar o conceito de poder pastoral de Foucault do fenômeno da transferência psicanalítica, abre-se a possibilidade de compreender a relação professor-aluno em toda a sua complexidade. Não se trata apenas de uma relação de transmissão de saber, mas de um espaço onde se entrelaçam poder e afeto, disciplina e desejo, cuidado e controle. Este artigo, portanto, propõe-se a analisar de que modo essas duas dimensões, o poder pastoral e a transferência, se articulam no contexto escolar, influenciando tanto os processos pedagógicos quanto a formação subjetiva dos alunos. Busca-se, com isso, evidenciar que a educação é atravessada por forças que não podem ser reduzidas à dimensão técnica ou instrumental, mas que envolvem uma profunda dimensão ética e relacional.

2. METODOLOGIA

O estudo adota uma abordagem qualitativa e teórica, fundamentada nos textos sobre o poder pastoral de Foucault e no conceito de transferência de Freud. A metodologia baseia-se em uma revisão da literatura, com o objetivo de identificar como o poder pastoral e a transferência psicanalítica se manifestam e se reforçam mutuamente no ambiente escolar, especialmente na relação professor-aluno, buscando compreender as dinâmicas emocionais e relacionais presentes no contexto educacional.

A pesquisa partiu da análise de produções teóricas clássicas e contemporâneas, privilegiando textos que discutem as formas de exercício do poder, os modos de constituição da subjetividade e os vínculos transferenciais que emergem nas relações educativas. Foram considerados, nesse sentido, trabalhos que tratam tanto da historicidade das práticas disciplinares quanto das interações afetivas e inconscientes que atravessam o processo de ensino-aprendizagem.

A análise comparativa das perspectivas selecionadas buscou evidenciar convergências e tensões, permitindo problematizar como práticas pedagógicas carregam simultaneamente mecanismos de regulação e componentes emocionais que incidem sobre a constituição dos sujeitos.

Este estudo reconhece suas limitações, uma vez que não se baseia em dados empíricos de campo, mas em uma análise teórico-conceitual. Ainda assim, ao articular diferentes referenciais, busca oferecer subsídios críticos para compreender os efeitos do poder e da

transferência no processo educativo, sugerindo caminhos para pesquisas futuras que possam explorar tais dinâmicas em contextos escolares específicos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam que a escola, na perspectiva foucaultiana, é um dispositivo disciplinar que organiza corpos, tempos e condutas (Foucault, 1987). O professor, como figura pastoral, exerce simultaneamente cuidado e controle, moldando subjetividades (Caciano; Silva, 2012). Do ponto de vista psicanalítico, a transferência coloca o professor no lugar de "sujeito suposto saber" (Ribeiro, 2014), intensificando a autoridade e o vínculo pedagógico.

Convém esclarecer que o conceito de "sujeito suposto saber," introduzido por Lacan (1964/1985), refere-se à posição atribuída pelo aluno ao professor (ou, na análise psicanalítica, ao analista), como aquele que supostamente detém um saber que o aluno deseja acessar. Na relação pedagógica, o professor se torna, aos olhos do aluno, a figura que "sabe" algo sobre o mundo e sobre o próprio aluno, o que faz dele uma autoridade no campo do saber e um mediador do conhecimento.

A articulação entre poder pastoral e transferência mostra que o vínculo professor-aluno é atravessado tanto por afetos quanto por relações de dominação simbólica. Tal dinâmica fortalece a aprendizagem, mas pode também gerar sobrecarga emocional e dependência.

A análise desenvolvida por Foucault acerca das instituições disciplinares da Idade Moderna revela como o controle social se estrutura de maneira sutil, abrangente e constante, moldando comportamentos e subjetividades por meio de práticas de normalização e vigilância (Foucault, 1987). Esse olhar crítico é fundamental para a compreensão das dinâmicas de poder nas instituições contemporâneas, incluindo a escola, que se apresenta não apenas como um espaço de transmissão de conhecimento, mas como um lugar de produção de verdades, subjetividades e modos de ser.

Conforme destaca Foucault (2002), toda prática institucional produz regimes de verdade, definindo o que pode ou não ser considerado válido, correto, aceitável. Na escola, esses regimes aparecem, por exemplo, nos critérios de avaliação, nas noções de disciplina e no próprio conceito de "bom aluno", que, ao mesmo tempo que orienta, também exclui.

Convém destacar que a dinâmica da transferência intensifica a relação de poder presente na escola. Freud (1914/1969), ao refletir sobre a psicologia escolar, já apontava que os professores assumem frequentemente o lugar de figuras parentais, sendo alvo de sentimentos

ambivalentes como amor, admiração, temor ou hostilidade. Essa projeção inconsciente faz com que o aluno atribua ao docente uma posição de autoridade que vai além do saber transmitido, carregando expectativas emocionais que influenciam diretamente a aprendizagem. Nesse sentido, o professor pode ser visto não apenas como mediador do conhecimento, mas como objeto de investimento afetivo, o que reforça a sua função pastoral de guiar e conduzir os estudantes em dimensões intelectual, ética e emocional.

Essa observação de Freud se articula com a crítica foucaultiana às práticas escolares. Enquanto a psicanálise revela a força dos vínculos inconscientes na relação pedagógica, a perspectiva foucaultiana mostra como esses vínculos podem ser capturados e moldados por dispositivos institucionais que visam a normalização. Assim, a transferência não atua isoladamente, mas é mobilizada e até mesmo intensificada pelo poder pastoral, tornando a escola um espaço, onde afetos e disciplina convergem para a formação de sujeitos.

A leitura dos textos e das práticas educativas permite identificar que o poder pastoral, na forma como é definido por Foucault, encontra-se profundamente enraizado nas relações pedagógicas. Os professores não apenas transmitem conhecimento, mas também assumem uma função de cuidado contínuo, acompanhamento moral e orientação subjetiva, moldando a constituição identitária dos alunos (Caciano; Silva, 2012).

O que em princípio aparece como um gesto de proteção e formação pode, contudo, ser compreendido como um mecanismo de condução das condutas, que opera por meio de uma pedagogia de proximidade, mas com forte carga normativa. Nesse contexto, a escola funciona como uma instituição que regula não apenas o comportamento exterior dos estudantes por meio de horários, provas, registros e vigilância, mas também suas emoções, formas de pensamento e expectativas de futuro.

O poder pastoral, portanto, não se limita a reprimir, mas cumpre também uma função de produção. Foucault (2008) insiste que o poder não é apenas negativo, mas produtivo: produz saberes, regulações, práticas e identidades. No âmbito educacional, isso significa que o professor contribuiativamente para a construção de identidades estudantis, influenciando como os alunos se veem e como se posicionam em relação ao conhecimento, à autoridade e ao mundo.

Nesse sentido, Ferreira e Bettega (2022) apontam que a figura docente não se limita a ser mediadora do saber, mas ocupa um lugar central na formação subjetiva, exercendo uma influência que ultrapassa o pedagógico e se estende ao existencial.

Ao mesmo tempo, a transferência psicanalítica intensifica essas relações de poder. Na transferência, os alunos projetam no professor sentimentos, fantasias e expectativas que remetem a experiências anteriores, especialmente às relações parentais. Freud (2010/1912) já havia observado que esses deslocamentos afetivos criam um vínculo intenso, que tanto pode facilitar quanto dificultar o processo de aprendizagem.

Souza (2023) acrescenta que a projeção transferencial cria um ambiente emocionalmente carregado, no qual o professor é simultaneamente idealizado, amado, temido ou criticado. Isso significa que a autoridade docente não é apenas institucional, mas também simbólica e afetiva, fundada em investimentos inconscientes que o excedem.

Esse quadro gera uma série de implicações práticas. O professor, colocado nesse lugar de autoridade simbólica e pastoral, é constantemente convocado a lidar com demandas emocionais que ultrapassam sua formação técnica. Ele precisa responder às expectativas dos alunos de ser guia moral, intelectual e afetivo, mesmo quando não possui os recursos necessários para administrar a intensidade dessa carga transferencial.

Monteiro (1999) e Ribeiro (2014) ressaltam que a transferência pode tanto aproximar o aluno do conhecimento, quando marcada por confiança e admiração, quanto criar resistências e bloqueios, quando atravessada por hostilidade ou medo.

A articulação entre poder pastoral e transferência gera, assim, um campo de forças ambíguo. Por um lado, o poder pastoral é reforçado pela transferência: ao projetarem no professor sentimentos de confiança e idealização, os alunos tornam-se mais receptivos às orientações docentes, tanto no campo moral quanto no acadêmico. Por outro lado, essa mesma dinâmica pode acarretar riscos, como a perpetuação de relações de subordinação e dependência, nas quais a autonomia e a criatividade dos alunos são sacrificadas em favor da obediência e da docilidade (Caciano; Silva, 2012; Souza, 2023).

Não se pode ignorar que, nesse processo, o professor corre o risco de sobrecarga emocional. A ele não cabe apenas ensinar, mas também sustentar o lugar de autoridade simbólica que carrega as projeções dos alunos. Essa dupla função, pastoral e transferencial, exige um equilíbrio delicado entre as demandas institucionais e as necessidades subjetivas, que muitas vezes se apresentam em conflito. Assim, enquanto a escola impõe metas, currículos e padrões de desempenho, o professor precisa, ao mesmo tempo, lidar com as projeções afetivas de cada estudante, numa prática pedagógica marcada por tensões constantes.

Como observa Foucault (2002), em *A verdade e as formas jurídicas*, o poder se articula à produção de regimes de verdade. Isso significa que as práticas escolares não apenas instruem, mas determinam o que é verdadeiro, justo ou correto, e o fazem com base em relações de poder. A docência, atravessada pela lógica pastoral e pela transferência, é, portanto, um espaço de produção de verdades que moldam identidades e relações sociais.

A comparação entre o vínculo criado pelo poder pastoral na prática docente e o fenômeno da transferência na psicanálise permite estabelecer tanto semelhanças quanto diferenças. Na lógica pastoral, o professor é concebido como guia moral e espiritual, figura a quem cabe conduzir o aluno ao caminho correto, moldando condutas e valores. Na psicanálise, a transferência é um processo de repetição de padrões afetivos e relacionais, deslocados para a figura do analista ou, no caso da educação, para o professor.

Por fim, embora em contextos distintos, ambas as dinâmicas envolvem a constituição de relações assimétricas, em que o sujeito se vê conduzido ou investido em relação a uma figura de autoridade. Pisetta (2011) acrescenta que, no caso da docência, esse vínculo está impregnado de afeto, revelando que ensinar e aprender nunca se reduzem a processos técnicos, mas envolvem sempre uma dimensão relacional, carregada de intensidades emocionais.

4. CONCLUSÃO

A análise das dinâmicas do poder pastoral e da transferência na prática docente evidencia a complexidade das relações pedagógicas no ambiente escolar. De um lado, o poder pastoral, tal como descrito por Foucault (2008), mostra-se como uma forma de condução permanente, que combina cuidado e vigilância, proximidade e normatização.

Trata-se de uma forma de poder que, ao invés de impor-se pela violência física, busca moldar os sujeitos em sua totalidade, orientando condutas, regulando afetos e produzindo identidades. De outro, a transferência, tal como elaborada por Freud (2010/1912; 1969/1914), introduz uma dimensão inconsciente que estrutura a relação do aluno com o professor, carregando-a de expectativas, desejos e fantasias que transcendem a mera transmissão de conteúdo.

Essa articulação demonstra que a relação professor-aluno não pode ser compreendida apenas em termos de ensino-aprendizagem, mas deve ser reconhecida como um vínculo atravessado por forças de poder e de afeto. Enquanto o poder pastoral se destina a guiar e a

cuidar dos alunos, a transferência projeta sobre o professor um papel simbólico que o coloca como figura de autoridade amorosa, temida ou idealizada (Ribeiro, 2014).

Essa sobreposição de funções confere ao professor uma centralidade que, ao mesmo tempo em que fortalece a sua posição, o expõe a desafios consideráveis: lidar com as projeções emocionais dos alunos sem perder de vista os objetivos pedagógicos, e conciliar as demandas institucionais com as subjetivas.

Diante disso, a docência aparece como um exercício que vai muito além da técnica ou da metodologia. É uma prática atravessada por dimensões éticas, afetivas e políticas, que exigem do educador não apenas domínio de conteúdos, mas também sensibilidade para reconhecer e manejar a transferência. Como defende Kupfer (2005), o professor é investido de expectativas impossíveis de serem plenamente cumpridas, tornando-se, muitas vezes, um “mestre do impossível”. Essa condição, um tanto contraditória, evidencia a necessidade de que a formação docente inclua reflexões sobre a dimensão afetiva da prática educativa, de modo que o professor possa atuar com maior consciência das forças que o atravessam.

Por outro lado, reconhecer a presença da transferência e do poder pastoral não significa aceitá-los de forma acrítica. Ao contrário, a consciência dessas dinâmicas deve abrir espaço para uma prática pedagógica mais reflexiva, que transforme o vínculo de poder e afeto em motor de emancipação. Em vez de perpetuar relações de submissão, a escola pode se constituir como espaço de escuta e de diálogo, em que o cuidado não se confunda com controle e em que a autoridade não seja mero exercício de dominação, mas ocasião de abertura ao pensamento crítico e à autonomia.

Nesse sentido, compreender a articulação entre poder pastoral e transferência é essencial para a construção de um ambiente educacional saudável. Uma escola que reconheça a importância das emoções na aprendizagem, que valorize o papel da transferência e que seja consciente de suas práticas de poder tem mais condições de formar sujeitos críticos, criativos e conscientes de suas próprias subjetividades. Ao invés de apenas reproduzir normas sociais, a educação pode contribuir para que os alunos desenvolvam a capacidade de questionar estruturas de poder e de buscar formas mais justas e emancipadoras de interação social (Pisetta, 2011; Scheinvar; Medeiros; Coutinho, 2016).

Cabe destacar ainda que, este estudo, de caráter teórico, abre caminhos para futuras investigações empíricas. Pesquisas que analisem concretamente como professores lidam com projeções transferenciais em sala de aula, ou que observem de que maneira o poder pastoral se

expressa em práticas escolares cotidianas, podem oferecer contribuições valiosas para a formação docente. Tais investigações ajudariam a compreender de que modo é possível transformar a inevitabilidade da transferência e do poder pastoral em forças pedagógicas que favoreçam não a docilidade, mas a emancipação.

Por fim, reconhecer que a educação é atravessada por relações de poder e por intensidades afetivas não deve ser visto como um limite, mas como uma oportunidade. É a partir dessa consciência que se pode construir uma pedagogia mais ética, equilibrada e crítica, capaz de articular cuidado e liberdade, autoridade e autonomia, poder e emancipação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CACIANO, C.; SILVA, G. A. Foucault e educação: as práticas de poder e a escola atual. **Revista e-Ped**, FACOS/CNEC, Osório, v. 2, n. 1, 2012.
- COSTA, M.; RAMOS, P. **A teoria do poder do saber de Foucault**. 2023.
- FERREIRA, J.; BETTEGA, R. **As relações de poder entre professor e aluno na sala de aula**. 2022.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2002.
- FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, S. A dinâmica da transferência. In: FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. v. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1912].
- FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969 [1914].
- KUPFER, M. C. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 2005.
- LACAN, J. **O seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- MONTEIRO, E. A. A transferência de Freud. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 159-168, 1999.
- MONTEIRO, E. A. A transferência e a ação educativa. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 12-17, 2002.
- PISSETTA, M. A. A. M. Docência: saber e afeto. **Vernaculum**, Petrópolis, v. 7, p. 1-11, 2011.
- RIBEIRO, M. P. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 39, p. 23-30, 2014.
- SCHEINVAR, E.; MEDEIROS, R.; COUTINHO, P. A lógica pastoral na prática docente. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 370-378, 2016.
- SOUZA, G. S. **Psicanálise e religião**: uma análise sobre o fenômeno da transferência no aconselhamento pastoral. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2023.